



A performatização da política institucional: Teatro do Oprimido e resistência estética hoje

*The performance of institutional policy: Theater of
the Oppressed and aesthetic resistance today*

Gabriela Serpa Chiari
Bya Braga

Gabriela Serpa Chiari

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (PPG-ARTES/UFMG). Linha de pesquisa: Artes da Cena. Fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Atriz, multiplicadora do Teatro do Oprimido e mestre em Teatro pela Unirio. Integrante do coletivo teatral AzDiferentonas!, na Gabinetona, em Belo Horizonte.

Bya Braga

Nome artístico de Maria Beatriz Braga Mendonça. Professora associada do Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (PPG-Artes/UFMG). Realizou pós-doutorado na New York University em Performance Studies. Atriz e diretora.

Resumo

O artigo toma como ponto de partida os estudos em processo de desenvolvimento em investigações acadêmicas do Programa de Pós-Graduação em Artes/Artes da Cena da Universidade Federal de Minas Gerais sobre a corporeidade no Teatro do Oprimido. Apresenta também, por meio da metodologia de relato de experiência, uma prática de resistência estética de realização do Teatro do Oprimido, mais especificamente a técnica do Teatro Legislativo, no âmbito da Gabinetona, por meio do grupo *AzDiferentonas!*, na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais.

Palavras-chave: Teatro do oprimido, Teatro legislativo, Augusto Boal, Performatividade, *AzDiferentonas!*.

Abstract

The article takes as a starting point the studies in the process of development in academic investigations in the Program of Post-Graduation in Arts of the Federal University of Minas Gerais on the corporeity in Theater of the Oppressed. It also presents, through the methodology of experience reporting, a practice of aesthetic resistance of the Theater of the Oppressed, more specifically the technique of the Legislative Theater, through the group *AzDiferentonas!*, in the city of Belo Horizonte, Minas Gerais.

Keywords: Theater of the oppressed, Legislative theater, Augusto Boal, Performance, *AzDiferentonas!*.

A ideia de performatizar a política institucional aponta, neste artigo, para a centralidade do corpo humano como próprio processo inicial de luta social. Esses corpos trazem consigo suas histórias, memórias e também transcrições, ora em si mesmos, ora na relação com um outro. O protagonismo na luta é pelo direito de existir conscientemente, afetivamente e criticamente, é pela vontade de que a sociedade seja menos excludente e preconceituosa, sem banalizar a existência da multiplicidade dos seres e oprimi-los em sua liberdade, e é também contra a ideia do corpo como mercadoria e a lógica destrutiva do capital para a humanidade.

Para refletir sobre essa ideia, apresentamos aqui resultados parciais da pesquisa de doutorado, em andamento, sobre Teatro do Oprimido¹, cria-

1 A partir daqui trataremos o Teatro do Oprimido em sua reconhecida sigla: TO.



do por Augusto Boal (1931-2009), na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)², que interage diretamente com uma ação sócio-teatral externa à universidade e vinculada às atividades de uma política institucional específica. Essa ação é o trabalho do grupo teatral *AzDiferentonas!*, que atua como elo poético e artístico do mandato coletivo e feminista denominado “Gabinetona”³, na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Esse é um grupo que performatiza a política institucional unindo a Estética do Oprimido e o Teatro Legislativo (BOAL, 2009; 1996).

O grupo *AzDiferentonas!* nasce do desejo e da iniciativa de Cida Falabella⁴, vereadora eleita em 2016 pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) de Minas Gerais, com larga experiência profissional em teatro, e foi abraçado pela recém-eleita deputada federal Áurea Carolina⁵, do mesmo partido. Ambas, portanto, desejaram ter, em seus mandatos, o Teatro do Oprimido como forma de participação e mobilização popular por meio dessa prática que alia o teatro e a política, no ambiente institucional.

A base do Teatro Legislativo utilizada é a experiência de Boal na ocasião em que foi vereador na cidade do Rio de Janeiro, pelo Partido dos Trabalhadores (PT), entre 1993 e 1996. Em Belo Horizonte realiza-se uma releitura da experiência carioca considerando-se a atual conjuntura do país e com a centralidade dos corpos participantes como veículos de conscientização, sensibilização, expressão estética e atuação política.

2 Pesquisa de doutorado de Gabriela Serpa Chiari, no Programa de Pós-Graduação em Artes da UFMG (PPG-Artes/UFMG) (Conceito Capes 6), com previsão de conclusão da pesquisa em 2019/2020. Linha de pesquisa: Artes da Cena. Título do projeto: “O Teatro do Oprimido e o corpo como veículo de emancipação”. Orientação: Profa. Dra. Bya Braga (Maria Beatriz Braga Mendonça) (UFMG) e coorientação do Prof. Dr. Noeli Turle da Silva (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio). Bolsa de fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

3 Em outubro de 2016, Cida Falabella e Áurea Carolina foram eleitas vereadoras pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), junto à “Movimentação Muitas pela Cidade que Queremos”, em uma campanha coletiva e aberta, que se propunha a construir outras formas de se fazer política. A esse mandato coletivo, democrático e popular deu-se o nome de “Gabinetona”.

4 Cida Falabella, nome artístico de Maria Aparecida Vilhena Falabella Rocha, é atriz, diretora teatral e ativista do movimento artístico e cultural na cidade de Belo Horizonte. Foi eleita à Câmara Municipal de Belo Horizonte pelo PSOL, em 2016.

5 **Áurea Carolina de Freitas e Silva** é socióloga e cientista política, eleita à Câmara Municipal de Belo Horizonte pelo PSOL, em 2016. Foi eleita deputada federal nas eleições gerais de 2018.

Na ocasião do mandato de Boal nos anos 1990, a partir de cenas de Teatro-Fórum⁶ surgiram alternativas de soluções sobre problemáticas locais relevantes, resultando em treze leis aprovadas nesse período e elaboradas por meio do Teatro Legislativo no período de 1993 a 1996.

Para implementar e coordenar o Teatro Legislativo no mandato da Gabinetona foi realizada uma “Chamada Pública”⁷, aberta à cidade, para quem praticasse o TO. Gabriela Chiari, uma das autoras deste artigo, assumiu essa função.

O objetivo inicial da chamada pública foi a formação em TO junto ao Núcleo de Mobilizadores e Educadores Populares do mandato, durante um ano. No entanto, com o encontro de vários artistas que integravam o Núcleo de Mobilizadores, houve, dinamicamente, uma mudança de rumos da proposta. Alguns dos mobilizadores são artistas, *performers*, dançarinos e, acima de tudo, ativistas que desenvolvem, em consonância aos seus trabalhos artísticos, lutas em diversas frentes, como, por exemplo, diversidade de gênero, representatividade da negritude, direitos humanos, população indígena, direito à moradia e ocupações urbanas, direito das mulheres, entre várias outras frentes. Isso estimulou, portanto, a criação de um grupo teatral específico, no âmbito da Gabinetona, *AzDiferentonas!*, criado em novembro de 2017.

AzDiferentonas! é formado por Cristal Lopes, Ed Marte, Gilmara Souza e Julia Santos, que atuam como atores e multiplicadores de TO, e Evandro Nunes⁸ e Gabriela Chiari⁹, que, além dessas funções, assumem também a tarefa de coordenadores do grupo.

6 O Teatro-Fórum é uma técnica do Teatro do Oprimido por meio da qual se produz uma encenação baseada em fatos reais, na qual personagens oprimidos e opressores entram em conflito, de forma clara e objetiva, na defesa de seus desejos e interesses. No confronto, o oprimido fracassa e o público é estimulado pelo multiplicador do Teatro do Oprimido a entrar em cena, substituir o protagonista (o oprimido) e buscar alternativas para o problema encenado.

7 O documento, intitulado “Chamada pública: seleção de pessoas para compor a Gabinetona, a equipe parlamentar do mandato coletivo das vereadoras Áurea Carolina e Cida Falabella”, pode ser conferido, na íntegra, em: <https://bit.ly/2YJHvY1>.

8 Evandro Nunes é ator, poeta, diretor em teatro, educador social, pedagogo, brincador, pesquisador da cultura negra, da arte e de suas contribuições para o processo de ensino-aprendizagem. Atualmente, cursa mestrado em Educação na Faculdade de Educação da UFMG.

9 Gabriela Chiari, uma das autoras deste artigo, possui formação prática e acadêmica no campo do TO. É multiplicadora do método há vinte anos, desde o ingresso na graduação em Artes Cênicas na UFMG, em 1999. Sua pesquisa de doutorado está relacionada ao Teatro do Oprimido e é orientada por Bya Braga, que trabalha diretamente com práticas teatrais performativas gestuais, que incluem o Teatro Imagem, e é coorientada por Noeli



A forma de atuação d'*AzDiferentonas!* é performática e combativa. Uma característica fundamental é a criação coletiva e colaborativa, bem como as relações horizontalizadas. Além da realização de performances¹⁰ sobre temas que dialogam com a atuação da Gabinetona, o grupo também atua na formação de Multiplicadores de Teatro do Oprimido por meio do projeto "TO na Cidade!"¹¹

A multiplicidade está presente entre os integrantes do grupo: são corpos que transgridem o que é entendido socialmente, ainda, como "comum", especialmente no ambiente da tradicional política institucional nacional. Eles trazem consigo a pluralidade de vozes de enunciação e das próprias histórias inscritas nos corpos em si.

A Estética do Oprimido, difundida por Boal (2009) no livro de mesmo nome, é um dos pilares de criação do grupo e busca combater o que ele chama de "analfabetismo estético", ou seja, busca potencializar as formas sensíveis de pensar e refletir sobre temas relevantes, por meio da concretização de uma prática estética. Estética, no TO, está ligada à comunicação por meio dos sentidos, ou seja: "A estética é a ciência da comunicação sensorial e da sensibilidade" (BOAL, 2009, p. 31). Além disso, trata-se de uma estética cuja "alfabetização" está também ancorada na consciência do atador sobre suas realidades social e humana, associadas, em alguns casos, a matrizes espetaculares populares. Nesse sentido, pode-se dizer que há um resgate de referências humanistas no TO, propiciando ao próprio atador uma tomada de posicionamento diante do mundo com uma escolha, inclusive, sobre a luta que ele quer seguir.

A partir da criação de performances sobre temas relacionados às problemáticas principais tratadas no mandato da Gabinetona – como a violência policial contra a população jovem e negra de Belo Horizonte, a censura

Turle da Silva, que também possui vasta experiência no campo do Teatro do Oprimido, tendo inclusive participado em parte de atividades do mandato de Boal no Rio de Janeiro.

10 Não discutiremos aqui diferenças conceituais para a atuação performativa e a arte da performance. Ao nos referirmos à "performance", dizemos de uma ação que envolve práticas de atuação e improvisação performativas baseadas em técnicas do TO.

11 O TO na Cidade! consiste na formação de núcleos de multiplicadores de TO, com abordagem prática e teórica. Os multiplicadores têm acesso a vasta bibliografia sobre o método e a prática dos "Jogos do Arsenal" de Boal, dentre outros estímulos artísticos, que têm a centralidade do corpo como base do trabalho.

na arte e a construção do corpo político –, lançando mão de uma estética criada pelo grupo, percebe-se que a própria presença dos corpos diversos nos locais da política institucional municipal já é um ato político, revelando a luta escolhida por cada um. Eis uma ação concreta de ocupação de espaços ainda não habitados pelo “corpo diverso”, como temos denominado essa multiplicidade de presenças vivas no contexto das investigações acadêmicas em curso. Consideramos que essa presença potente e plural é uma ação que se faz urgente e necessária na atual conjuntura política institucional nacional.

Isso posto, o objetivo do grupo é atuar performativamente e politicamente, ultrapassando o uso da palavra, já tão desgastada nesse ambiente da política institucional que inibe a comunicação pelos sentidos.

Assim, temos:

Comunicação sensorial, através dos sentidos e da sensibilidade. É a forma de produzir e de perceber a arte. **Está no sujeito e no seu olhar.** Os principais canais estéticos são a palavra, o som e a imagem. Esses elementos são objetos de disputas constantes, sobretudo para manipulação da população. A Estética do Oprimido acredita que todos e todas têm direito a uma estética própria que a inclua e representa. Arte e estética são elementos de libertação! (BOAL, 2009, p. 19, grifo nosso)

O método do TO propõe o estímulo aos sentidos corporais, para que o praticante seja capaz de ver, ouvir e compreender o mundo a partir do pensamento sensível, aliado ao pensamento simbólico. O pensamento sensível diz respeito às sensações, a movimentos corporais e a gestos sinaléticos e dá-se simultaneamente ao pensamento simbólico, não estando, a partir desse, em escala hierárquica (SANCTUM, 2012). O pensamento simbólico é aquele no qual impera o uso da palavra. Ou seja, em que a corporalidade e os sentidos são suprimidos: “temos que repudiar a ideia de que só com palavras se pensa, pois que pensamos também com imagens e sons, ainda que de forma subliminar, inconsciente, profunda!” (BOAL, 2009, p. 16).

No sentido de criar a sua própria estética e levá-la ao encontro da política institucional, dá-se o trabalho do grupo na *Gabinetona*. O próprio nome *AzDiferentonas!* surgiu em um momento de descontração dos participantes, mas tem, de fato, muito a dizer: são corpos não representados nos veículos de poder como deveriam: femininos, trans, negros, *queers*. Corpos que em



matéria de percentual não são, em absoluto, representativos na política e nos ambientes do poder institucional nacional.

Nessa perspectiva, são desenvolvidos os trabalhos performativos da Gabinetona, dentro e fora da Câmara dos Vereadores de Belo Horizonte, com o objetivo de combater, por meio da arte teatral performativa, as ideias reacionárias, de radicalização política contra corpos e conjuntos de pessoas claramente segregadas, oprimidas e que, infelizmente, na atual conjuntura política do país, são ameaçadas no sentido inclusive da manutenção de suas próprias vidas. Boal (2009, p. 18) nos explica:

O pensamento sensível é arma de poder – quem o tem em suas mãos, domina. Por isso, os opressores lutam pela posse do espetáculo e dos meios de comunicação de massas que é por onde circula e se impõe o pensamento único autoritário. Quando exercido pelos oprimidos o pensamento sensível é oprimido e censurado – eles não têm direito a sua própria criatividade: máquina não cria. Aperta-se um botão e produz.

A apologia à violência difundida esteticamente, tanto na ocasião da campanha eleitoral do atual presidente da República Federativa do Brasil, Jair Bolsonaro (Partido Social Liberal/RJ), quanto em suas comunicações e atuação, faz alusão a tempos de intolerância, ao armamento da população, à extinção de Direitos Humanos, ao fomento ao ódio, ao extermínio acirrado da população jovem e negra, ao desrespeito às mulheres e à população LGBTQI e ao ataque direto à cultura, ilustrado pela extinção do Ministério da Cultura (Minc) como uma de suas primeiras ações do mandato.

Nesse contexto, a luta das artes e o movimento social dos artistas fazem-se urgentes e necessários. No entanto, as palavras não são mais suficientes para a conscientização dos cidadãos e para esse combate. A centralidade do corpo na ação performativa é uma forma potente de dar visibilidade às lutas de determinados grupos sociais tradicionalmente oprimidos: “Arte não é adorno, palavra não é absoluta, som não é ruído, **e as imagens falam, convencem e dominam**. A esses três poderes – Palavra, Som e Imagem – não podemos renunciar, sob pena de renunciarmos a nossa própria condição humana” (BOAL, 2009, p. 22, grifo nosso).

Com a produção de uma estética própria, a partir da centralidade do corpo, somos capazes de expressar ideias e tornar consciente o que não

fora revelado, ou seja, não é apenas o discurso de que a realidade deve ser transformada, mas a apresentação da realidade através da materialidade do corpo, da consciência de si por meio dela, que traz junto consigo um discurso, não somente simbólico, mas também sensível e estético.

A presença da performatividade na política, dentro e fora dos ambientes da política institucional, apresenta a conjuntura social, portanto, em outra linguagem: imagética e sensível. Ou seja, a estética se dá aqui como forma de conscientização, comunicação, reflexão e ação política, concretizada em outros locais.

Desse modo, um teatro político e popular se fortalece, revigorando-se também os movimentos sociais.

É importante dizer que o modo como Boal (1998) comenta sobre a não obrigatoriedade de aplicação de seus jogos, de uma determinada maneira, para que se efetive uma dada técnica do TO, mas, sim, que se considere os princípios básicos de sua proposição, ele também mostra, ainda, uma base ética importante de seu método, que é seu ancoramento na liberdade de expressão. Isso nos parece vital como base para uma prática libertária da ação performativa na Gabinetona. A participação libertária, crítica e autocrítica desejada para os atadores no TO, *n'AzDiferentonas!*, tende, portanto, a problematizar profundamente o fazer teatral tradicional que inclui, ainda, formas canônicas de expressão estética, baseadas na tradição letrada, falada.

Ao se praticar técnicas do TO, expressando estéticas próprias, fortalecendo o campo do teatro político, não queremos excluir a conscientização corporal dos atadores como um eixo fundamental do trabalho, como já sinalizado anteriormente. A ação corporal performativa deverá ser uma crítica à realidade da opressão, especialmente, dos próprios corpos dos atadores, pois, no corpo, com o corpo e pelo corpo, criamos atitudes concretas expressivas radicais, ou seja, que expressam a raiz dos problemas existentes e sinalizam uma expressão libertária. Eis aí uma potente contribuição do Teatro Imagem de Boal. E é nesse conjunto de ações do TO, mediadas pelo Teatro Legislativo, que são construídas as ações performativas *n'AzDiferentonas!* rumo à problematização radical da conjuntura político-social atual.

A conjuntura político-social brasileira tem testemunhado uma circunstância de acontecimentos que evidenciam um tempo de radicalização política



intensa. Aqui trataremos, como símbolo maior de tal radicalização, o assassinato, em 14 de março de 2018, da vereadora Marielle Franco, eleita para a gestão de 2016-2019 pelo PSOL/RJ. A escolha deste fato tem também uma relação direta com a realização de práticas das artes da cena para o fortalecimento da democracia, uma vez que a vereadora Marielle Franco também possuía direta relação de apoio ao movimento do Teatro do Oprimido no Rio de Janeiro, mais especificamente na favela da Maré.

Em 2017, na ocasião de realização da V Jornada Internacional de Teatro do Oprimido, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), Marielle apresentou o Projeto “Direito à Favela,” em que uma de suas principais ações de formação humana baseava-se no fortalecimento e empoderamento dos atos artísticos e culturais realizados pela própria comunidade da Maré. O estímulo dado por ela à criação de estéticas próprias pelos membros da comunidade dialogava fortemente com o Teatro do Oprimido.

Ou seja, o assassinato de uma parlamentar, mulher, negra, lésbica, defensora de direitos humanos de modo contundente, em franca ascensão e notoriedade política em seu estado de origem e autora de uma dissertação de Mestrado cujo tema refere-se à Segurança Pública do estado do Rio de Janeiro e à vida nas favelas (FRANCO, 2014), sinaliza para o extermínio da democracia e, especialmente no contexto desta nossa escrita, para o aniquilamento de práticas que promovam atos artísticos e culturais plenos de conteúdos complexos, como uma expressão mais performativa e amparada pelas aspirações de uma dada comunidade. O assassinato de Marielle é, portanto, um exemplo sólido do momento de radicalização política a que estamos submetidos, e ao qual devemos resistir. É uma eliminação concreta de uma corporeidade que atuava em múltiplos sentidos e significados, fortalecendo corpos e presenças diversas.

No intuito de combater e expressar indignação e repúdio a esse tipo de prática que extermina o ser diferente, o corpo antagonista, foram realizadas na Gabinetona duas performances. A primeira, *Mar e ela!*, ocorreu na Câmara Municipal de Belo Horizonte, com a presença de parlamentares e de diversas representações religiosas, em um ato transdisciplinar, ou seja, no qual a religião, a arte e a política conectam-se para, juntas, reivindicarem o fim de práticas obsoletas em nosso país. A respeito do trabalho performativo realizado na ocasião, tomamos como procedimentos para a pesquisa de montagem os

canais estéticos palavra, som e imagem, que, em resposta à injustiça sofrida pela vereadora, nos serviram de armas para uma resposta a essa brutalidade.

Após um ano do assassinato, foi realizada uma nova performance relativa ao caso. *Chamaram-me negra* trouxe em sua criação o Teatro Imagem¹², canções e trechos de textos de Victoria Eugenia Santa Cruz Gamarra, Anielli (poeta de Volta Redonda), Marcelino Freire e Leandro Vieira, que discutem a questão da Negritude e a banalidade do assassinato e extermínio desses corpos.

Aqui apresentamos, portanto, modos por meio dos quais as Artes Cênicas respondem, hoje, às ameaças à democracia: fomentando a pesquisa do TO nas universidades brasileiras e atuando performativamente junto à política institucional por meio do TO. Deslocam-se, assim, lugares hegemônicos do teatro, ocupam-se espaços sociais plurais e dialoga-se com movimentos sociais e com as problemáticas concretas apresentadas no país.

Por fim, o maior desafio, a nosso ver, para o TO, no Teatro Legislativo, é permanecer crítico e autocrítico na sua relação com a política institucional. Deve buscar escapar de possíveis manipulações de tendência populista que poderiam, um dia, em outras experiências, ocorrer. O populismo, como forma política, poderia confundir os atadores do TO e cidadãos em geral, na medida em que geraria, também pela via da política institucional, um tipo de mobilização democrática, mas sem desconsiderar os interesses dos opressores. Um Teatro Legislativo desatento poderia correr o risco de focar suas ações na geração de um eleitor, de um voto, e não de um atador emancipado. Temos, assim, que exercer as capacidades estéticas que todos temos, como enfatiza Boal (2009, p. 119), e para a prática da liberdade, como demonstrou Boal e também quis Paulo Freire (1975) em sua *Pedagogia do oprimido*.

Referências bibliográficas

BOAL, A. **Teatro legislativo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BOAL, A. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

¹² No Teatro Imagem, a encenação baseia-se nas linguagens não verbais. A partir da leitura da linguagem corporal, busca-se a compreensão dos fatos representados na imagem, que é real enquanto imagem. A imagem é uma realidade existente sendo, ao mesmo tempo, a representação de uma realidade vivenciada.



- BOAL, A. **A estética do oprimido**. Garamond: Rio de Janeiro, 2009.
- FRANCO, M. **UPP**: a redução da favela a três letras: uma análise da política de segurança pública do estado do Rio de Janeiro. 2014. Dissertação (Mestrado em Administração) – Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2014.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- SANCTUM, F. *A estética de Boal*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2012.

Recebido em 29/03/2019

Aprovado em 26/06/2019

Publicado em 30/08/2019